

A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DA AULA EXPOSITIVA DE GEOGRAFIA

Lidiane Bezerra Oliveira

lidianeoliveira@ifpi.edu.br¹

Resumo

Considerando que ainda é possível perceber que na escola muitos alunos (talvez até professores) não conseguem reconhecer e identificar o que vem a ser de fato uma aula de Geografia, confundindo, muitas vezes, com outras ciências, busca-se investigar se as aulas expositivas de Geografia ministradas pelos professores na educação básica constituem-se de fato geográficas, possibilitando uma efetiva aprendizagem geográfica? Objetivando-se de forma geral compreender quais são os elementos e contextos que constituem e identificam uma aula expositiva de Geografia no Ensino Médio na perspectiva da construção do pensamento geográfico. De forma específica busca-se compreender o que constitui a identidade da Geografia enquanto ciência disciplinar na educação básica; identificar e analisar como a linguagem cartográfica é utilizada nas aulas de Geografia do Ensino Médio, tendo a perspectiva de compreender se ela é mediadora para a constituição do pensamento espacial e desenvolvimento do pensamento geográfico. Para a realização da pesquisa foi realizada inicialmente pesquisa bibliográfica e em seguida a pesquisa de campo, a qual ocorreu através da seleção dos sujeitos a serem pesquisados, a técnica utilizada foi a observação das aulas que ocorreu acompanhada de um roteiro de observação semiestruturado e, por fim, realizou-se a análise e interpretação dos dados coletados. Percebeu-se que é necessário haver uma resignificação da identidade da aula expositiva de Geografia, considerando a presença dos elementos que encaminhem para o desenvolvimento do pensamento geográfico. Observou-se ainda que a presença da linguagem cartográfica deve ser mais bem utilizada, no que se refere a leitura e interpretação da simbologia e seus significados aliados aos conhecimentos geográficos. Por fim, evidencia-se a relevância da continuidade da presente pesquisa objetivando definir quais elementos constituem a identidade da aula expositiva de geografia, considerando que a presença da linguagem cartográfica aliada ao discurso geográfico possa contribuir nesse processo alcançando ao final o pensamento geográfico, o qual poderá tornar o aluno mais consciente na leitura de mundo em seu cotidiano.

Palavras-chave: Aula expositiva; Linguagem Cartográfica; Pensamento Geográfico.

Introdução

¹ Professora do Instituto Federal do Piauí – IFPI/Campus Floriano. Doutoranda do Programa de pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. O presente artigo faz parte da pesquisa de doutorado ainda em desenvolvimento.

A aula expositiva é um método utilizado em todas as disciplinas, cada aula é marcada por traços que caracterizam sua identidade. No caso da aula expositiva de Geografia é necessário que em seu desenvolvimento os alunos possam compreender os fenômenos a partir da lógica espacial e sua relação com as práticas cotidianas, levando-os ao desenvolvimento de um pensamento geográfico como forma de entender os fenômenos que ocorrem no mundo, sendo este próximo ou distante de suas práticas sociais. Assim, entende-se, a princípio, que para uma aula expositiva ser considerada de Geografia tem que apresentar características específicas como localização espacial, distribuição, conexão, distância, delimitação e escalarização dos fenômenos, levando ao uso de uma linguagem específica. No entanto, é necessário que essas características sejam analisadas durante a aula expositiva de forma que oportunize aos alunos a perceber que o fenômeno espacial destacado pelo professor durante a explicação dos conteúdos faz parte do mundo real em que eles vivem, levando-os ao movimento dialético partindo da ideia no senso comum para o concreto (real) e retornando posteriormente para a ideia em forma de conceito.

Diante do exposto, busca-se com esta pesquisa investigar o seguinte problema: as aulas expositivas de Geografia ministradas pelos professores na educação básica constituem-se de fato geográficas, possibilitando uma efetiva aprendizagem geográfica? A partir desta questão maior, surgem outras questões que poderão nortear a pesquisa: O que dá identidade a uma aula expositiva de Geografia? Quais elementos são necessários para identificar uma aula expositiva de Geografia? De que forma o pensamento geográfico está presente na aula expositiva de Geografia? De que maneira um conteúdo se torna geográfico? Como a linguagem cartográfica é desenvolvida nas aulas expositivas de Geografia, na perspectiva de contribuir para a aprendizagem dos seus conteúdos específicos? Qual é a potencialidade de uma aula expositiva de Geografia que se utiliza da linguagem cartográfica para promover o desenvolvimento do pensamento geográfico?

Parte-se do pressuposto que a Geografia Escolar constitui-se uma área do conhecimento que contribui para que os alunos compreendam os arranjos espaciais dos fenômenos e sua relação com as práticas cotidianas, contribuindo assim, para uma formação cidadã. Para isto, é necessário que durante as aulas expositivas de Geografia estejam presentes elementos que



possam levá-los ao desenvolvimento do pensamento geográfico², como o mapa e os demais produtos cartográficos. Neste sentido, acredita-se que quando o professor alia o discurso geográfico com a linguagem cartográfica na aula expositiva de Geografia fortalece a construção do pensamento espacial e pensamento geográfico.

Deste modo, defende-se que a aula expositiva de Geografia se constitui como tal, quando apresenta o discurso geográfico integrado à linguagem cartográfica possibilitando a construção do pensamento espacial e pensamento geográfico, promovendo assim, uma aprendizagem efetivamente geográfica.

Assim, de forma geral objetivou-se compreender quais são os elementos e contextos que constituem e identificam uma aula expositiva de Geografia no Ensino Médio na perspectiva da construção do pensamento geográfico. De forma específica pretendeu-se compreender o que constitui a identidade da Geografia enquanto ciência disciplinar na educação básica; identificar e analisar como a linguagem cartográfica é utilizada nas aulas de Geografia do Ensino Médio, tendo a perspectiva de compreender se ela é mediadora para a constituição do pensamento espacial e desenvolvimento do pensamento geográfico.

Do ponto de vista metodológico, a presente pesquisa está sendo desenvolvida dentro da abordagem qualitativa, por considerá-la mais adequada ao objeto de estudo proposto, pois a aula como um espaço de construção do conhecimento, repleto de relações entre seus sujeitos poderá ser mais bem entendida a partir de uma análise mais interpretativa e mais próxima entre o investigador e objeto de estudo.

A pesquisa iniciou com a revisão bibliográfica que possibilitou um embasamento teórico para a definição dos seguintes eixos: aula expositiva, teorias da aprendizagem, teoria e método em Geografia, ensino de Geografia, cartografia escolar, pensamento espacial, pensamento geográfico.

Em seguida foram definidas as escolas de aplicação da pesquisa. Usou-se como critério de escolha, que ela atuasse no Ensino Médio e possuísse pelo menos um professor de Geografia do quadro efetivo da rede e formado na área. Inicialmente fez-se uma listagem com as escolas

² Utiliza-se como definição para pensamento geográfico a seguinte definição de Gonzales: “[...] el pensamiento geográfico se fundamenta no tanto em relaciones topológicas sino en los atributos propios del análisis del espacio – luego detallados – desde el enfoque de la Geografía como disciplina científica, que permiten aprender un conocimiento sistematizado, esto es, el conocimiento geográfico”. (2016, p. 12).

que oferecem Ensino Médio na cidade de Floriano – PI, a partir de informações disponibilizadas no site da Secretaria de Educação e Cultura do Piauí (SEDUC - PI) e Ministério da Educação e Cultura do Governo Federal (MEC), foi diagnosticado que sete escolas possuem Ensino Médio, sendo cinco escolas da rede estadual e duas da rede federal. Diante dessa seleção inicial verificou-se nas escolas se o professor de Geografia é formado na área e se faz parte do quadro efetivo da rede de ensino. Das sete escolas apenas cinco atendiam aos dois critérios, já nas outras duas escolas o professor que dava aula em Geografia não era formado na área. Das cinco escolas escolhemos seis professores, sendo dois em uma mesma escola e um em cada uma das outras escolas.

Na etapa seguinte solicitamos a autorização dos professores para que a pesquisadora assistisse a uma aula, com o objetivo de verificar elementos que pudessem caracterizar a identidade da aula expositiva de Geografia. Na observação consideraram-se os seguintes aspectos: nível descritivo/explicativo/compreensivo da aula expositiva; uso de mapas e seus níveis de leitura; presença das categorias geográficas; e, a presença do pensamento espacial e pensamento geográfico. As observações foram norteadas por um roteiro semiestruturado previamente elaborado que encaminhavam para a verificação dos aspectos supracitados, além da descrição livre do desdobramento da aula. A etapa seguinte foi a organização, análise e interpretação dos dados coletados que nos levaram a elaboração de um quadro resumo (**Quadro 01**), o qual, foi possível fazer uma classificação das aulas que mais se aproximavam dos aspectos mencionados anteriormente. Este estudo consistiu na pré-seleção dos sujeitos da pesquisa de doutorado em andamento realizada por esta pesquisadora objetivando aprofundar a investigação dos objetivos propostos.

Na seção seguinte será feita uma breve discussão, com base no aporte teórico, sobre os aspectos ontológicos da ciência geográfica, características da geografia escolar e a construção do pensamento geográfico e a relação da linguagem cartográfica como elemento importante para o desenvolvimento do pensamento espacial e geográfico. Com o propósito de evidenciar elementos que possam características próprias de uma aula expositiva de geografia.



Referenciais teóricos acerca da construção da identidade da aula expositiva de Geografia: do discurso geográfico às representações espaciais

A ciência geográfica pode ser considerada como uma forma de raciocínio e de construir conhecimento, ou seja, uma leitura espacial da realidade. Com base em concepções estabelecidas por suportes teóricos aplicados por meio de métodos apropriados a ciência geográfica busca desvelar a espacialidade das práticas sociais. Ao longo de seu processo de sistematização a Geografia buscou definir a sua identidade, principalmente quanto à ontologia do saber geográfico, ou seja, que características definem um fenômeno para ele ser considerado geográfico. Para Gomes, “[...] essas características e atributos atuam como constituintes essenciais da Geografia, aqueles que fazem parte da sua natureza, que são os traços que a distinguem, ou em uma só palavra, respondem por sua identidade.” (2009, p.16). Assim, tais características devem estar presentes sempre que se classificar um fenômeno como geográfico.

Tim Unwin (1995) estabelece quatro fatores principais para identificar as fronteiras das disciplinas:

1. Uma disciplina é a atividade coletiva das pessoas que a praticam;
2. A referência ao objeto de estudo temático de cada disciplina;
3. As disciplinas também se definem a partir das metodologias e técnicas aplicadas;
4. O tipo de pergunta que se faz a cada disciplina e o modo de abordá-las.

No caso da Geografia como disciplina escolar, os fatores acima podem certamente ser aplicados. Em relação ao primeiro fator, Bird *apud* Unwin defende que “la geografía es lo que han hecho los geógrafos; la geografía es lo que los geógrafos se afanan por conseguir” (1995, p. 25). O segundo fator refere-se ao objeto de estudo, o qual, Moreira define que “o espaço é o objeto de estudo da geografia. O conhecimento da natureza e das leis do movimento da formação econômico-social por intermédio do espaço é o seu objetivo. O espaço geográfico é o espaço interdisciplinar da geografia.” (2011, p. 63). A ideia de espaço como base da Geografia está presente em todos os discursos geográficos, diferenciando apenas na forma como ela tem sido definida pelos geógrafos ao longo do tempo. O terceiro fator refere-se a metodologias e técnicas, que segundo Unwin (1995) existem alusões a métodos históricos, e a técnicas

geográficas e geomorfológicas, além de muitos planos de estudo de geografia incluídos nos cursos de graduação, os quais ele denominou de “métodos e técnicas geográficas”. O quarto fator relaciona-se ao tipo de pergunta que se faz a disciplina, sobre isso, Gomes afirma que “[...] A unidade não provém do tipo de fenômeno, mas do tipo de pergunta.” (2009, p. 27).

Para Cavalcanti, a Geografia escolar deve apresentar aspectos de diferentes lugares aos alunos, a partir de diferentes sistematizações, de modo a compreender o mundo de forma particular. “Sua abordagem, geralmente é feita a partir de interrogações ao objeto (fato, fenômeno, processo): onde? Por que nesse lugar? Como é esse lugar? Ou seja, refere-se à localização e ao movimento que dá sentido a essa localização [...]”. (2013, p. 380). Assim sendo, a Geografia cria uma forma autônoma de analisar os fenômenos, com seu próprio plano de questões, ou seja, delimita o seu domínio epistemológico como disciplina.

Como já discutido anteriormente, o objeto estudo da Geografia na escola é o espaço em movimento, ou seja, o espaço geográfico, e para que o aluno o compreenda de forma significativa e identifique os fenômenos geográficos em sua realidade é preciso que, durante a aula expositiva, sejam criadas situações de aprendizagens que ajudem a fazer esta leitura de mundo. A aula expositiva em seu formato tradicional pouco contribui para isto, visto que a memorização não propõe a compreensão ou interpretação dos fenômenos. De acordo com Vygotsky “A memorização de palavras e sua associação com os objetos não leva, por si só, à formação de conceitos; para que o processo se inicie, deve surgir um problema que só possa ser resolvido pela formação de novos conceitos” (2000, p. 157). Portanto, a aula expositiva proposta pela concepção dialógica pode ser uma sugestão para que o aluno compreenda e interprete o espaço geográfico, pois as situações de aprendizagem serão desenvolvidas pelos alunos com o auxílio do professor; e, neste processo, eles conduzirão o aprendizado dos conceitos de modo a identificá-los em seu cotidiano.

Diferentemente do que se exigiam na aula expositiva tradicional, os conceitos discutidos na aula de Geografia devem ser compreendidos para que sejam reconhecidos e aplicados no cotidiano dos alunos; isto é, que eles sejam capazes de fazer a leitura do espaço geográfico no seu dia a dia, utilizando os conceitos aprendidos durante a aula de Geografia.



Portanto, percebe-se a grande relevância da Geografia escolar frente a compreensão da espacialidade dos fenômenos através da construção de conceitos. Esse processo se dá a partir de *raciocínios espaciais* (CALLAI, 2013) ou pensamento geográfico.

Para Miguel Gonzáles (2016), o pensamento geográfico se caracteriza por compreender diversos atributos próprios do espaço geográfico, tais como: escala, informação geográfica (trabalho de campo, estatística, cartografia), processos territoriais (físicos e humanos), interação entre sociedade e meio ambiente, paisagem, sistemas territoriais, mudanças globais, desenvolvimento sustentável, interdependência, diversidade.

Para desenvolver tal pensamento, são necessárias operações mentais realizadas pelo aluno, entre as informações adquiridas no meio cultural e o conhecimento específico da Geografia, mediado pelas categorias e conceitos. Cavalcanti aponta que “[...] os conceitos são, assim, são ferramentas culturais que representam mentalmente um objeto; são conhecimentos que generalizam as experiências, que permitem fazer deduções particulares, de situações concretas; são modos de operar o pensamento.” (2013, p. 388). Desse modo, compreende-se que a aula expositiva seja um momento favorável para o desenvolvimento do pensamento geográfico, compreendido através da mediação dos conceitos, objetivando a aprendizagem geográfica.

Acredita-se que a linguagem cartográfica possa contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico nas aulas expositivas de Geografia, tendo em vista que o mapa e outros produtos cartográficos proporcionam uma leitura e análise da espacialidade.

Sendo assim, para contribuirmos no processo de desenvolvimento do raciocínio geográfico, nada melhor que a utilização de um recurso que faça uso da representação espacial, como expressão e linguagem, para ampliar e contribuir na formação de uma leitura geográfica mais coadunada com a dinâmica espacial – que no caso é o mapa. (RICHTER, 2010, p. 26).

Santos (2002), afirma que tanto a linguagem cartográfica e o texto discursivo propriamente dito constituem o discurso geográfico, que trazem consigo uma leitura de mundo. Um mapa trás consigo os princípios lógicos da Geografia - localização, distribuição, extensão, distância posição e escala. (MOREIRA, 2011, p. 116) - que contribuem na formação da personalidade e do discurso da representação geográfica. Ao identificar esses princípios através da análise de mapas durante a aula expositiva de Geografia, pode-se compreender a relação sócio espacial em sua dimensão geográfica. Desse modo, é possível identificar que uma aula

expositiva possui um caráter verdadeiramente geográfico, ao utilizar em seu desenvolvimento um mapa ou outro recurso cartográfico.

Contudo, não é somente a presença do mapa na aula que a tornará geográfica, mas a forma como ele é utilizado, pois em muitos casos o uso desse instrumento apenas como ilustração acaba não contribuindo para a formação do pensamento espacial e conseqüentemente, do pensamento geográfico. Assim, para Martinelli “[...] mapas, gráficos, e redes passam a ser úteis, constituindo instrumentos de reflexão e de descoberta do real conteúdo da informação. Eles devem dirigir o discurso, e não ilustrá-lo, e revelar o que há a dizer e que decisão tomar diante do que foi descoberto”. (2014, p. 11-12). Nesse sentido, a presença do mapa na aula deve estar atrelada a leitura e interpretação deste, fazendo uma análise do fenômeno representado, a fim de conseguir identificar os princípios lógicos e relacioná-los as categorias geográficas, especialmente a espacialidade, de forma que esta leitura e análise leve os alunos a reconhecer as características representadas no mapa na realidade vivida.

Para a realização do processo de comunicação, o mapa deve compor um conjunto de símbolos, letras e cores, para que sua mensagem possa ser entendida mais rapidamente (DUARTE, 1991 *apud* RODRIGUES; SOUZA, 2008). Assim, as representações no mapa são compostas por um sistema de signos que traduzem a relação entre o objeto e a realidade. Peirce define signo como “aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém.” (2010, p. 46). Deste modo, os signos presentes no mapa são capazes de transmitir informações, a partir das operações mentais realizadas pelo leitor, à medida que os relaciona com os objetos reais.

Esse processo de comunicação é muito importante para a aula expositiva de Geografia, visto que, a interpretação dos signos presentes no mapa pode colaborar para a compreensão da espacialização dos fenômenos enriquecendo o discurso do professor no momento da explicação. Para Cavalcanti “O mapa é uma forma de expressão muito característica do discurso geográfico, é uma linguagem peculiar dessa ciência e precisa ser aprendida pelos alunos.” (2010, p. 150). Sem a presença do mapa, a explicação ficaria apenas no plano do discurso, o que poderia dificultar a formação da ideia (conceito) sobre o fenômeno em relação à sua ordem espacial por parte dos alunos, tendo em vista que a leitura do signo leva a uma relação direta ao seu objeto de representação, na formação do raciocínio. O mapa também pode contribuir com



mais informações de forma a aprimorar a explicação, potencializando o discurso do professor para uma dimensão geográfica.

A linguagem cartográfica e outros aspectos relevantes para identificar a aula expositiva de Geografia.

A partir dos dados coletados nas observações das aulas dos professores selecionados buscamos verificar características que se aproximavam de uma boa aula de Geografia, com base nos seguintes critérios: nível descritivo/explicativo/compreensivo da aula expositiva, a presença das categorias geográficas, o uso de mapas e seus níveis de leitura; presença do pensamento espacial e pensamento geográfico. Esses critérios faziam parte dos itens que compunham o roteiro de observação. No **Quadro 01** a seguir, apresentamos um resumo dos aspectos observados nas aulas dos professores:

Quadro 01 - Aspectos relevantes para identificar a aula expositiva de Geografia

Professor	Série/Tema da aula/ Recursos	Nível da aula ³	Uso de mapas e nível de leitura ⁴	Categorias geográficas ⁵	Construção do pensamento espacial e geográfico ⁶
PROF. A	3º Série EM	Descritivo/ Explicativo	Usou cinco mapas e em todos eles a leitura indicava localização	Espaço e Território	Apesar de ter utilizado mapas, não explorou a linguagem cartográfica desenvolvendo o pensamento espacial.
	Tema: Israel e a questão palestina				
	Recursos: data show e o livro didático				
PROF. B	1º Série EM	Explicativo /Compreensivo	Usou dois mapas usando a simbologia (cores) para analisar a distribuição dos fenômenos	Espaço Geográfico e Paisagem	Ao analisar o mapa fazendo a correlação das cores na legenda com os níveis de temperatura, questionando
	Tema: Os fenômenos climáticos e a interferência humana				

³ Categoria definida com base na classificação de SANTOS (2005) *apud* ROMANOWISKY & MARTINS (2013)

⁴ Categoria definida com na classificação de SIMIELLI (1986)

⁵ Categorias baseadas nas definições de MOREIRA (2011) e SANTOS (1985)

⁶ Considerou-se o conceito de MIGUEL GONZÁLEZ (2016) para pensamento espacial e pensamento geográfico.

	Recursos: livro didático e o quadro				quais aspectos levam a esses níveis. (relacionando com o conteúdo)
PROF. C	1ª Série EM	Descritivo/ Compreensivo	Não usou mapas	Paisagem	Embora os questionamentos realizados durante a dinâmica direcionassem para a compreensão do conteúdo faltou explorá-lo a partir do aspecto espacial.
	Tema: Solos				
	Recurso: didático o livro				
PROF. D	2º Série EM	Explicativo/ Compreensivo	Não usou mapas	Espaço e Território	Apesar de não ter utilizado mapas, havia palavras no discurso do professor que evidenciavam a espacialidade, porém não foi possível perceber se os alunos construíram cognitivamente o pensamento geográfico.
	Tema: Brasil: a internacionalização da economia				
	Recursos: Livro didático e o quadro				
PROF. E	3ª série EM	Descritivo/ Explicativo	Usou mapas sem explorar a linguagem simbólica, servindo apenas como ilustração ao conteúdo exposto.	Paisagem	O uso dos mapas apenas como elementos ilustrativos não contribuiu para a formulação do pensamento geográfico.
	Tema: África: Paisagem: relevo, vegetação, clima e hidrografia				
	Recursos: data show e o livro didático				
PROF. F	2º Série EM	Descritivo	Não usou mapas	Território e Paisagem	Não foi possível perceber
	Tema: Reino Unido e França				
	Recurso: livro didático				



Fonte: Pesquisa Direta – Novembro/2018

Diante dos dados obtidos durante as observações das aulas foi possível verificar que o Professor B foi o que melhor utilizou os recursos cartográficos. Ao pedir que os alunos observassem o mapa (As ilhas de calor em São Paulo) no livro didático analisou fazendo a correlação das cores na legenda com os níveis de temperatura, questionando quais aspectos levam a esses níveis, relacionando com o conteúdo explicado anteriormente. Neste momento considero que o professor aliou as informações lidas no mapa através da linguagem simbólica da cartografia com o discurso geográfico enunciado por ele durante a explicação do conteúdo, assim, infere-se que houve a formação do pensamento geográfico. Para Richter (2010) ao usar a representação espacial como linguagem proporciona uma leitura geográfica mais próxima da dinâmica espacial.

Para a análise da aula do Professor A e da Professora E foi levada em consideração a presença do mapa na aula, apesar de não terem explorado a linguagem cartográfica a fim de contribuir para o desenvolvimento do pensamento espacial e geográfico. No entanto, considera-se que à medida que os professores se habituam a utilizar os produtos cartográficos aliando a explicação do conteúdo, mais próximo estarão da formulação do pensamento geográfico em suas aulas. De acordo com Cavalcanti (2010), o mapa configura-se característica de grande relevância do discurso geográfico, por isso, como uma linguagem típica da geografia precisa ser aprendida pelos alunos.

A professora D não utilizou mapa durante a sua explicação na aula, porém ela informou aos alunos sobre um infográfico no livro didático e sugeriu uma atividade para ser realizada em casa a partir desse infográfico. Além de ter percebido durante sua explicação um discurso muito rico em palavras e termos que expressam a espacialidade. Portanto, consideramos que a professora possui um potencial para fazer a utilização de mapas nas aulas enriquecendo o discurso geográfico que já utiliza. Nesse sentido Santos (2002) afirma que tanto a linguagem cartográfica e o texto discursivo propriamente dito constituem o discurso geográfico, que trazem consigo uma leitura de mundo.

A professora C fez em sua aula uma dinâmica com um jogo de perguntas e respostas para os dois grupos de alunos que dividiu na sala. Apesar de usar os questionamentos como instrumento de análise sobre o conteúdo, a aula ficou em um nível descritivo dos aspectos

naturais do solo, não apresentando de forma clara em seu discurso de explicação ao intercalar as respostas dos alunos a espacialidade do fenômeno. Também não utilizou a linguagem cartográfica para auxiliar nesse processo. Contudo, apesar de os questionamentos realizados durante a dinâmica direcionassem para a compreensão do conteúdo faltou explorá-lo a partir do aspecto espacial.

A professora F desenvolveu uma aula totalmente descritiva baseada na leitura compartilhada do conteúdo no livro didático pelos alunos. A leitura ocorreu de forma independente sem intervenção da professora com explicações ao que foi lido pelos alunos. Se no livro tinha algum mapa ou outro recurso cartográfico não foi analisado, pois a leitura era feita de forma rápida e sem muita atenção. Além de não ter sido feita uma discussão mais aprofundada do conteúdo da leitura. Desse modo entendo que a aula não passou do nível descritivo e não deu para perceber a construção do pensamento geográfico.

Contudo, considera-se necessário que a identidade da aula expositiva de Geografia passe por um processo de resignificação, para ser reconhecida como tal, principalmente considerando a presença dos elementos que conduzam ao desenvolvimento do pensamento geográfico. Para isto, a linguagem cartográfica deve ser melhor utilizada, no que se refere a leitura e interpretação da simbologia e seus significados aliados aos conhecimentos geográficos, para que possa contribuir no desenvolvimento do pensamento espacial e geográfico. Assim, não se teria dúvidas se a aula ministrada é de fato geográfica, tendo em vista que a presença do mapa caracterizaria um elemento relevante da espacialidade do conteúdo discutido, fortalecendo o discurso geográfico durante a exposição do professor. Martinelli (2014) afirma que mapas são úteis na construção de instrumentos de reflexão e de descoberta das informações e que eles devem dirigir o discurso revelando o que há a dizer e não somente como ilustração dos conteúdos.

Considerações finais

O ensino de Geografia diz respeito a uma prática educativa que vai além do simples ato de ensinar e aprender, mas que, ao contrário, leva o indivíduo a desenvolver as bases de sua



inserção no mundo em que vive e a compreender a dinâmica de organização e funcionamento do mesmo através de sua espacialidade. Dessa forma, a educação geográfica significa transpor a linha de obtenção de informações e de construção de conhecimento para a realização de aprendizagens significativas envolvendo/utilizando os instrumentos necessários à análise geográfica, de maneira que a compreensão da sociedade a partir da espacialização dos seus fenômenos seja uma contribuição para a construção da cidadania (CALLAI, 2010).

Considera-se que ainda não é possível estabelecer uma conclusão aos objetivos estabelecidos para a pesquisa, tendo em vista que a investigação ainda encontra-se em andamento. No entanto para a parte prática realizada descrita na metodologia, pode-se perceber que a é necessário haver uma ressignificação da identidade da aula expositiva de geografia, considerando a presença dos elementos que encaminhem para o desenvolvimento do pensamento geográfico.

Outro fator observado foi que a presença da linguagem cartográfica deve ser mais bem utilizada pelos professores durante a aula de geografia, visto que representa a espacialização dos fenômenos discutidos através dos conteúdos. Na maioria dos casos o mapa, por exemplo, aparece como ilustração, sem uma interpretação mais profunda dos símbolos e significados nele presente.

Por fim, evidencia-se a relevância da continuidade da presente pesquisa objetivando definir os elementos que constituem a identidade da aula de geografia, considerando que a presença da linguagem cartográfica aliada ao discurso geográfico possa contribuir nesse processo alcançando ao final o pensamento geográfico, o qual poderá tornar o aluno mais consciente na leitura de mundo em seu cotidiano.

Referências bibliográficas

- CALLAI, H. C. A educação geográfica na formação docente: convergências e tensões. In: **Coleção Didática e Prática de Ensino: convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.** v. 6. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** 17. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

_____. Os conteúdos geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos.

In: ALBUQUERQUE, M. A. M; FERREIRA, J. A. de S. (Org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reforma curriculares em questão**. João Pessoa: Mídia, 2013.

GOMES, Paulo César da C. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco e outros. **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação da Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009, p. 13-30.

MARTINELLI, Marcello. **Mapas, gráficos e redes: elabore você mesmo**. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

MIGUEL GONZÁLEZ, Rafael de. Pensamiento espacial y conocimiento geográfico en los nuevos estilos de aprendizaje. In: **Anales de XI Congreso Nacional de Didáctica de la Geografía**. Sevilla: AGE, 2016. p. 11-39

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 45-76.

RICHTER, Denis. **Raciocínio geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio**. 2010. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2010.

RODRIGUES, Sílvio Carlos & SOUZA, Luiz Humberto de Freitas. Comunicação Gráfica: bases conceituais para o entendimento da linguagem cartográfica. In. **Revista GEOUSP – espaço e tempo**, n. 23, 2008. P. 65-76. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74081/77723>. Acesso em: 03 de mar de 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. A aula como expressão da prática pedagógica. In. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2013.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: 1985.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. **O mapa como meio de comunicação: implicações no ensino da Geografia do 1o grau**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

UNWIN, Tim. **El lugar de la geografía**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.